

...02

# As duas margens do rio

Seja numa exclusiva e luxuosa travessia ou então numa viagem em barco popular, a Amazônia mostra que seu tesouro vai muito além da flora e fauna. Está, acima de tudo, no seu povo

por Décio Galina, de Santarém  
fotos Regina de Grammont

Em frente à cidade paraense de Santarém, o barrento Amazonas põe um ponto final nos 1.992 quilômetros do cristalino Tapajós



“A gente só sabe que o curupira está lá por causa da mesura da mata”

Joaquim Dias Pedroso, condutor de ecoturismo



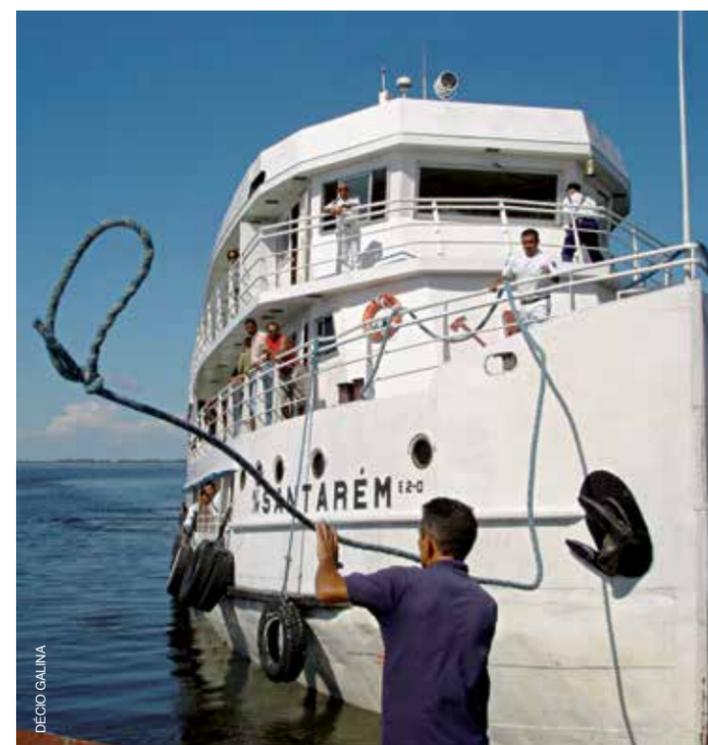
Sob forte chuva de estrelas cadentes, as notas da viola descem a trilha iluminada por velas até a margem do escuro Arapiuns, afluente do Tapajós. Com a música, vem junto o aroma do tucunaré que assa no buraco cavado na terra. Na piracaia, esse tradicional jeito amazônico de preparar o peixe, o estalo da fogueira permeia a fala do caboclo, que pára de dedilhar o instrumento para contar a vida. “Sou professor, planto mandioca e luto pelo futuro dos meus quatro filhos: Taila, Tailane, Tainara e Tais.” Nas horas vagas, Antônio Ferreira Rodrigues, de 36 anos, joga de lateral esquerdo no Fluminense de Urucureá, vilarejo de 340 habitantes. Esse fim de mundo (localizado no oeste do Pará, a mais de 1.500 quilômetros de Belém) é famoso graças ao belíssimo artesanato trançado com palha de tucumã e colorido com pigmentos naturais. “Tenho a minha mãe viva, aos 87 anos, e isso me enraíza por aqui. Nunca sai para muito longe.” Enquanto se desfia a conversa, o champanhe gela. O peixe está quase no ponto.

A cena irretocável não é comum. Trata-se de uma ocasião especial, produzida em detalhes exclusivamente para a meia dúzia de felizardos

hospedada nas cabines do *Tupaiú*, barco de 17,4 metros de comprimento. A experiência amazônica, sob a batuta da agência paulistana Matueté — pioneira na produção de viagens customizadas no país —, parte de Santarém, Pará, e passa quatro noites no balanço do transparente rio Tapajós — ou Caribe da Amazônia, como comparou uma vez o francês Jacques Cousteau. O detalhe é que o jantar à luz de velas, a fogueira e a cantoria foram organizados sem que os viajantes soubessem. Na manhã do dia seguinte, de um lado da pequena baía onde estamos ancorados, a selva explode em cantos de pássaros. Do outro, um arco-íris perfeito, dependurado no céu azul, levanta a dúvida se ele também não foi previamente encomendado. Dois dias depois, outra surpresa na hora do jantar: luau na praia do lago Jurucuri, com mesa e assentos cavados no banco de areia — um dos raros que se pode achar na região do Tapajós em junho, quando o rio ainda está cheio.

Mesmo em um descompromissado passeio de canoa pelo igarapé, no momento em que o sol provoca súbita sede, surge, do nada, uma canoa da Matueté estacionada na sombra, com jarras de suco gelado de limão com cidreira, abacaxi com raspas de limão e uma cesta de Amanditas, caso dê uma vontade inesperada de doce. A natureza, claro, também prepara seus showzinhos: após frutífera pesca de piranhas, investimos rumo ao pôr-do-sol na boca do canal do Jari, um camarote para assistir à revoada de pássaros em busca de galho para pernoite. Nessa hora, com a lancha desligada, alguém ouve um boto — sim, pois ele pôs o corpo para fora d’água e deu uma bela baforada. Difícil escolher entre dar atenção às nuvens brancas de aves flutuando no lusco-fusco ou à turma de botos que parou logo ali para um happy hour.

Além de eventos surpreendentes, do conforto a bordo e da equipe for- ▶



Na página ao lado, Joaquim Dias Pedroso assopra bambu de nambuçu, usado como uma espécie de flauta para comunicação no meio da selva. Acima, acomodação de passageiros nas duas embarcações: no *Tupaiú*, há três impecáveis suítes de casal e outras duas cabines; no *Santarém*, difícil ter privacidade em um compartimento de 116 redes ladeadas por fileiras de chuveiros e banheiros



Garota de Urucureá, no Pará: o vilarejo tem 340 habitantes e é famoso pelo artesanato de tucumã. Na página ao lado, a hora da refeição nos dois barcos: no *Santarém*, 25 pessoas se revezam no apertado refeitório; no *Tupaiú*, sobra conforto (e sabor) nos banquetes preparados por dona Carmita



mada por profissionais escolhidos a dedo, a programação de cinco dias no rio Tapajós marca a alma com atividades simples, como visitar a comunidade de Arapixuna e almoçar o pato no tucupi feito na panela de barro da dona Joana Mota — tudo sob a sombra de uma mangueira de respeito. O que emociona é justamente o contato direto com o povo encravado no norte brasileiro, gente da terra, que transpira a umidade calorenta da selva desde o primeiro instante de vida. Gente como Joaquim Dias Pedroso, de 60 anos, nascido na comunidade de Maguary, na margem direita do Tapajós, lugar onde 70 famílias vivem da extração do látex das seringueiras. Joaquim trabalha como condutor de ecoturismo na Flona — Floresta Nacional do Tapajós. Ele lidera nossa caminhada de 18 quilômetros, em terreno plano, pela unidade de conservação do Ibama. As grandes vedetes do pedaço são as sumaúmas, árvores gigantes que podem chegar a 70 metros e possuem raízes tabulares. A perna não é emblemática apenas para o grupo de forasteiros: Joaci, de 26 anos, filho de Joaquim, vai cumprir o percurso pela última vez como coadjuvante. Da próxima vez, também será um líder, como o pai. “Já conheço bem a trilha”, garante Joaci. “Uma vez, estava caçando à noite quando uma onça pulou na minha frente. Só tive tempo de puxar o gatilho da espingarda.”

Tão importante como farejar as feras é respeitar as forças que regem a floresta. “O curupira tem o calcanhar para a frente, mas é invisível”, ensina Joaquim. “A gente só sabe que ele está lá por causa da mesura da mata.” O condutor não questiona a existência do curupira. Tem certeza dela. “Ele assovia e some. Ouvi dizer que mataram um lá para os lados de Fordlândia.” Não é a melhor coisa na vida arranjar problema com um curupira. Quando provocado, o protetor da mata e dos bichos providencia que o invasor se perca drasticamente. Mas não foi nosso caso. Sem galhos, chegamos ao objetivo do dia — e aí o choque de estar ao pé das tais árvores gigantes e não conseguir enxergar o topo de tão altas que são.

Perplexidade talvez seja uma boa palavra para explicar o estado que se fica diante da quarta (e maior) sumaúma — o ápice da caminhada. Primeiro, tentei ser racional: cronometrei 54 segundos para dar 41 passos em volta do tronco. Mas isso não explica o que é estar ali — nem a força daquilo tudo. Até Joaci, que já fez sabe-se lá quantas vezes o percurso, pára em frente à árvore e desabafa. “Eu fico pensando... Como ela fica assim?” É, Joaci, difícil mesmo de entender... Joaquim, o pai, demonstrando a intimidade que só os anos oferecem, encosta no tronco e contabiliza: “Esta tem uns 80 metros e 700 anos.” Idade, diga-se, parecida com algumas construções de Angkor, no Camboja. Fica fácil aceitar, então, que essas árvores são genuínos templos brasileiros. Templos enraizados. Como seus devotos locais.

#### Texturiano e companhia

Como tudo na vida, os cinco dias de rei vividos no Tapajós também passaram. E não foi fácil ficar longe da rotina de mimos e banquetes preparados pelas cozinheiras Maria Bernadete e dona Carmita (só de lembrar daquele pirarucu com alcaparras fritas na manteiga...). O fato é que, após a exclusividade proporcionada pela Matueté, a reportagem da *MIT Revista* continuaria na Amazônia. A missão, agora, ►

As 67 horas de viagem entre Santarém e Manaus escorrem sem pressa. Abaixo, o casal Terturiano e Roselina vai em busca de vida nova em Tabatinga; José Pegado leva sozinho 21 volumes para Boa Vista; bebê mata a fome na rede, enquanto o dominó diverte a turma no bar do navio



FOTOS DÉCIO GALINA

No passeio feito no Tapajós, as opções organizadas pela Matueté são distintas — e bem mais interessantes, como a volta de canoa na região de Alter do Chão. Quando o calor incomodou, a canoa parou na sombra, onde nos aguardavam suco gelado e uma cesta de Amanditas



era conhecer a selva de uma outra perspectiva: estirado na rede dos barcos de passageiros que fazem o périplo entre Belém e Manaus.

Em Santarém (uma das escalas desses grandes barcos de passageiros), me despedi da turma do *Tupaiú*, comprei uma rede cor de vinho de 23 reais no Mercado 2000 e caí na real: o navio *Santarém*, que deveria ter encostado na cidade às 9 h da manhã, ainda não tinha dado as caras às 14 h. Quando apareceu, demorou a sair. Pendurei a rede no cabide 85 — são 116 lugares no vasto salão — e me deitei para esperar a partida do navio. Movimentação intensa na ala das redes. Bebê aos berros, vendedores de frutas, sacolas amontoadas, cheiro de tangerina, gente chupando picolé, caixas e caixas de mercadoria (alho, ração bovina, móveis) entrando e saindo do navio. Mais de 40 °C. Vendedor de batata frita, salgadinho, mulher de salto alto, de chinelo, com criança no colo, com criança brincando. “Aqui é um lugar perigoso”, adverte meu vizinho de rede. “Fica de olho na mochila.” Piranha empalhada, tucano de madeira, tatu de brinquedo que mexe a cabeça. Lembrança que não acaba mais.

Enfim, os nós ao porto são desatados às 18h18. O *Santarém* apita. A partir daí, o Tapajós, esse monstro de 1.992 quilômetros que nasce na divisa dos Estados do Pará, Amazonas e Mato Grosso, começa a sair de cena para a entrada de um bicho mais descomunal: o rio Amazonas, com seus 6.885 quilômetros, o maior do mundo. De Santarém a Manaus, isto é, contra a corrente, o navio de 45,79 metros de comprimento usa as bei-

radas para evitar a forte pressão no meio do rio. Como consequência dessa tática, a selva desfila em câmera lenta bem próxima à embarcação. Os passageiros colocam cadeiras no convés e ficam assistindo à Amazônia passar como um filme. “Já viajei três vezes de avião, mas você não vê nada”, compara o paraense José Gonçalves Guimarães, de 70 anos. “De barco é melhor porque dá para contemplar a natureza, essa beleza aí...” Nos momentos de lazer, barulhentas partidas de dominó, ou uma ducha a céu aberto no convés. E logo se sente saudade de assistir à selva de novo.

No compartimento das redes, uma bate na outra, e você balança mesmo sem querer. “Nessa viagem, se respira ar puro, vê passarinho solto, o rio, o mato, cobra escorregando nas árvores”, narra meu vizinho Terturiano de Souza Neto, pernambucano de 51 anos. “Sou cabo reformado do Exército. Agora quero sombra e água fresca, de preferência água-de-coco gelada.” Terturiano viaja com a mulher, Roselina, amazonense de Ta-

batinga, para onde o casal está indo. Ele se preocupa com a segurança da bagagem própria e dos vizinhos. “Não sou violento, mas, se pegar caboclo roubando, tenho vontade de matar mesmo.”

O vizinho do outro lado da rede é o potiguar de Pau dos Ferros, José Ricardo Dantas Pegado, de 29 anos, apelidado de Cantor. “Desenvolvi a música no seminário”, conta. Cantor escrevia composições religiosas. Em um festival paraibano que reuniu mais de mil inscitos, Cantor conquistou o quinto lugar com a canção “Deus É Demais”. No navio, ele leva, sozinho, 21 volumes, entre violão, som, televisão, panelas, livros. A travessia fluvial é só mais uma etapa de uma missão bem maior: mudar-se de Cajazeiras, na Paraíba, para Boa Vista, em Roraima. “Lá tem mais oportunidade. Minha mulher e duas filhas já estão em Boa Vista há cinco meses.” Embora morto de vontade de chegar aos braços da amada, Cantor curte a navegação pelo Amazonas. “Dá pra fazer amizades grandes, mesmo que você não veja mais a pessoa. Pelo

menos a viagem a gente não esquece.”

Na hora de se alimentar, nada das regalias da Matueté. Um sino avisa que a refeição está servida. Formam-se filas na porta do refeitório de 25 lugares. No bandeirão: arroz, macarrão (quase sem molho) e carne — não exatamente um filé, diga-se. Para beber, água. De sobremesa, botos saltitando em frente às pequenas janelas do claustrofóbico recinto. Arroz, macarrão, carne e frango se revezam à exaustão nas 67 horas de viagem. Normalmente, o percurso Santarém–Manaus é feito em 55. O atraso de 12 horas, no entanto, nem significa muito para quem, por exemplo, está indo garimpar na Guiana, como é o caso do maranhense Jorge Elton Conceição, de 25 anos. Os sonhos do rapaz sofreram um duro golpe logo no início da aventura: o ônibus da companhia Boa Esperança, que o levou para Belém, foi assaltado na estrada. “Levaram meus 400 reais, mais o perfume que ganhei da namorada e ainda nem tinha usado.”

Quando as grossas cordas azuis são lançadas no porto de Manaus, as redes já foram tiradas dos ganchos. Todo mundo dá a última arrumada no cabelo. As mulheres retocam a maquiagem para desembarcar. Já não há mais aquela intimidade dos três dias e noites de viagem. Estão todos mais distantes, quietos. Prestes a não se verem nunca mais. 

A *MIT Revista* viajou pelo Tapajós a convite da Matueté: (11) 3071-4515; [www.matuete.com](http://www.matuete.com)